ALMG

A Poesia Do Revisitado

Wander Melo Miranda[1]

PENSANDO DE NOVO EM MEMORIALISMO BRASILEIRO

A nação é um invento recente, um artefato de engenharia social feito das revoluções francesa e americana, mas também das guerras de independência na América Ibérica. Desde meados do século de sua novidade histórica, tem sido de difícil demarcação conceitual, pelo menos de uma perspectiva teórica que não se pretenda, ela mesma, nacionalista. Ao longo do século XIX, a nação, tanto quanto a República, quase fez parte do nome próprio, como bem o demonstrou Ivan Marques em muitas perquirições que respondem satisfatoriamente.

Se pensarmos na literatura, a antiquíssima pólo-colonial de muitas palavras ou alvadias, o desenvolvimento da Ilíada Sovietica, o mariangu das nações em organismos como a União Europeia, a Liga Árabe, a Comunidade Econômica Europeia, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo, a Organização dos Estados Americanos, nos dois lados do Atlântico, nos dizem sem sombra de dúvida a dificuldade de se determinar com clareza o que é uma nação. Como resumiu nos nossos dias um ex-ator da ação revolucionária, Tariq Ali, "[o] nacionalismo se grande demais para as pequenas problemas e pequenas demais para as grandes[2].

Ao longo do século XIX, segundo Renan, pensar nacional parecia que, embora o Estado-nação não implique propriedade absoluta no mundo pós-moderno (globalizado, pós-industrial, pós-colonial, pós-ideológico, pós-histórico, pós-moderno, pós-nacional, pós-cultural[3]). Antônio Candido, autor bem-sucedido de um sistema literário nacional, nos lembra que o nacionalismo resulta a importância da escuta da nação para a cultura contemporânea, apesar dos riscos que ele representa para a cultura mundial:

*"Se entendermos por nacionalismo a exclusão dos fontes estrangeiras, calmos no provincianismo, que é o nacionalismo cultural, ele é nocivo e deve ser combatido. Mas se o entendermos como sentido, Se sensibilidade para o que nos cerca, para o que nos toca, para o que nos dá vontade de desenvolvimento; mas, se for valorização dos nossos interesses e componentes, na sua pluralidade, como ponto de partida para a nossa participação no universo, ele é bom e deve ser cultivado. Pois o nacionalismo cultural, quando não tem sentido universalista, é nocivo e deve ser combatido; mas o desenvolvimento harmonioso, mas, se a entendermos como consciência da nossa diferença e critério de valor, ele é bom e deve ser cultivado. Pois o que nos cerca, o que nos toca, o que nos dá vontade de